

Revista de Literatura,
História e Memória

Literatura no Cinema

ISSN 1809-5313

VOL. 6 - Nº 7 - 2010

UNIOESTE / CASCAVEL

P. 227-237

A RAINHA MARGOT EM DUAS VERSÕES

MARETTI, Maria Lídia Lichtscheidl (UNESP/Assis)*

RESUMO: Este trabalho tem o objetivo de apresentar um estudo comparativo entre o romance *La reine Margot* (1845), de Alexandre Dumas père, e o filme homônimo (1994), de Patrice Chéreau, a partir, sobretudo, da consideração de seu caráter histórico, das condições de produção de cada “discurso” e da atuação das personagens em ambas as narrativas. O romance foi originalmente publicado sob a forma de folhetim no jornal francês *La presse*, durante os anos de 1844 e 1845, o que explica a sua longa extensão e outros traços como o “gancho” entre os capítulos. Ele constitui-se de uma trilogia cuja ação se desenrola durante as guerras de religião, o que lhe garante, dentre outros aspectos genéricos típicos, a classificação como um romance histórico tradicional, tendo o episódio do Massacre de São Bartolomeu como o fato que lhe é mais marcante. Quanto ao filme, que foi merecedor de cinco prêmios César, de dois prêmios no Festival de Cannes e de uma indicação ao Oscar de melhor figurino, tem a atriz Isabelle Adjani no papel de protagonista. Com algumas diferenças relevantes em relação ao romance, observa-se que a ação do filme se passa de agosto de 1572 até 1574 numa Paris que é o alvo da ebulição que caracterizou os conflitos entre os católicos e os protestantes. Desse modo, a comparação entre as duas linguagens artísticas se deterá no estudo do perfil das personagens, das circunstâncias em que foram produzidas e da conformação histórica que lhes é característica.

PALAVRAS-CHAVE: *La reine Margot*; Alexandre Dumas père; Patrice Chéreau; romance histórico tradicional; cinema francês contemporâneo

ABSTRACT: This paper presents a comparative study concerning the novel *The queen Margot* (1845), by Alexandre Dumas father, and the homonymous movie (1994), by Patrice Chéreau, mainly considering its historical character, the production conditions of each “discourse” and the characters’ performances in both narratives. The novel has been originally published in the form of feuilleton in the French newspaper *La presse*, during the years 1844 and 1845, what explains its long extension and the correlation among the chapters. It constitutes a trilogy, the action of which takes place during the religion wars, affording to the text the classification of a traditional historical novel, having the episode of St. Bartholomew carnage as its most striking event. Regarding the movie, which has been awarded five Cesar prizes, two rewards in Cannes Festival and an indication to the Oscar for the best costume design, it also counts with Isabelle Adjani as the protagonist actress. With a few relevant differences regarding the novel, it is remarkable that the action in the movie happens in august 1572 in a Paris that is the center of conflicts among Catholics and Protestants. In this scenery, the comparison between the two artistic manifestations is based strictly on the analysis of the characters’ profiles, the circumstances in which they have been produced and the historical aspects surrounding the two works.

KEY WORDS: *The queen Margot*; Alexandre Dumas father; Patrice Chéreau; traditional historic novel; contemporary French movie

“Com efeito, com este conhecimento do futuro que falta felizmente aos homens, com esta faculdade de ler nos corações que não pertence infelizmente senão a Deus, o observador privilegiado ao qual seria possível assistir a esta festa teria certamente usufruído do mais curioso espetáculo que fornecem os anais da triste comédia humana.” (Alexandre Dumas père, La Reine Margot)

O protestante Henri de Navarre, futuro Henri IV, se prepara para se casar com Marguerite de France, conhecida como Margot, católica, filha de Catherine de Médicis e irmã do instável rei Charles IX. Os dois não se amam: trata-se de um casamento político, orquestrado por Catherine de Médicis, e destinado a apaziguar os ódios e as rivalidades entre as duas facções religiosas, dos católicos e dos protestantes, e a gerir as suscetibilidades do papa Gregório XIII e da Espanha, por um lado, e dos estados protestantes por outro. O medo, a hostilidade e a violência se fazem sentir até na catedral de Notre Dame, onde o casamento é celebrado. Os outros irmãos de Margot não deixam de, ao longo da narrativa, manifestar a sua vontade de poder, de assumir o trono a qualquer preço. Quanto à rainha Catherine, vive de organizar complôs para ver o seu filho Henri, o duque de Anjou, no poder, sendo o envenenamento e outras práticas de bruxaria, como a adivinhação, as armas que lhe são mais frequentes.

Os bastidores de parte da história da realeza francesa estão, pois, aqui representados, de modo a sugerir que não são nada nobres as práticas desta aristocracia ávida de poder. Catherine de Médicis reina todo-poderosa sobre a França governada ineficazmente por Charles IX, e sobre seus outros filhos, Henri, duque de Anjou, François, duque de Alençon, e sua filha Marguerite. O romance começa com o casamento já mencionado, destinado a restabelecer a paz no reino. Mas Catherine e o rei Charles IX se preparam sorrateiramente para “domar” o partido protestante. Os irmãos de Charles também preparam complôs para tomar o seu lugar e Henri de Navarre só pensa em salvar a sua vida. Intrigas, alianças, complôs, traições vão se suceder, enquanto Margot entretém uma terna ligação amorosa com um nobre protestante, chamado La Mole. Começa então uma luta áspera e sem trégua entre as duas facções, sendo o seu auge o famoso massacre de São Bartolomeu, ocorrido na madrugada do dia 24 de agosto de 1572 e responsável pela morte de milhares de protestantes. Charles IX, rei caprichoso, de uma desconfiança doentia e perpetuamente sob a influência de sua mãe, acaba por se tornar um amigo fiel de seu cunhado Henri de Navarre, com grande prejuízo para Catherine de Médicis. Depois de muitos acontecimentos trágicos, Charles IX sucumbe a um misterioso envenenamento (provocado acidentalmente por sua própria mãe) e morre sem poder assegurar o trono a Henri de Navarre. É então o duque de Anjou, que já havia sido,

a sua revelia, sagrado rei da Polônia, que volta à França para assumir a sucessão de seu irmão, sob o nome de Henri III. Margot, por sua vez, não pode salvar o seu amante protestante, que é acusado da morte do rei e, por isso, estrangulado. Ela tem, então, que fugir para as terras de seu esposo, que ela nunca deixou de proteger.

Eis como se pode parafrasear o longo romance de Alexandre Dumas pai, escrito com a colaboração de Auguste Maquet, na esteira genérica do romance histórico do século XIX, à la Walter Scott. Trata-se do primeiro volume da trilogia sobre as guerras de religião, publicado em 1845 na França, antes de *La dame de Monsoreau* e *Les Quarante-cinq*.

Trata-se de um período de guerras que devastam a França. São guerras externas, contra a Itália, sob o pretexto de que laços de sangue dariam aos franceses direitos sobre algumas regiões italianas. E guerras civis, que se justificam pela intolerância religiosa contra os protestantes.

Segundo Sylvie Cardona (2009), “Dumas mergulhou com felicidade neste período conturbado da história, reconstituindo com talento o velho Louvre e suas festas incríveis, onde os protagonistas se perdem, se cruzam e se vigiam no labirinto das passagens secretas”. O escritor teria, tal como informa a nota de rodapé da p. 166 do romance, se valido de uma *Histoire de Marguerite de Valois*, escrita por um certo Tallemant de Béaux. Eis o que diz a nota:

Ela usava um grande saio que tinha bolsinhos em toda a sua volta, e em cada um deles colocava uma caixa onde se encontrava o coração de seus amantes mortos, pois era cuidadora: à medida que morriam, mandava embalsamar-lhe o coração. Este saio era pendurado todas as noites em um gancho que fechava com cadeado atrás da cabeceira de sua cama. (DUMAS père, 1845, vol. I, p. 166, a tradução é minha)

Valendo-se da historiografia, o escritor também se manifesta em nota de rodapé a propósito do filho natural que o rei Charles IX teria tido fora do casamento com Elisabeth da Áustria: “Com efeito, este filho natural, que não era outro senão o famoso duque de Angoulême, que morreu em 1650, teria suprimido, se tivesse sido legítimo, Henri III, Henri IV, Louis XIII, Louis XIV. O que ele nos dava no lugar? O espírito se confunde e se perde nas trevas de uma pergunta como essa.” (DUMAS père, 1845, vol. II, p. 28, a tradução é minha)

É de origem histórica também a carta transcrita no romance e escrita por Catherine de Médicis ao procurador da justiça:

Durante este tempo, como tinha previsto Charles, Catherine não perdia um minuto, e escrevia ao procurador geral Laguesle uma carta da qual a história conservou até a menor

palavra, e que lança sobre este caso sangrentos clarões:

'Sr. Procurador,

Nesta noite, deram-me como certo que La Mole cometeu sacrilégio. Em seu alojamento, em Paris, foram encontradas muitas coisas más, como livros e papéis. Eu lhe suplico que chame o primeiro presidente e que instrua o mais rapidamente possível o caso da figura de cera cujo coração eles perfuraram e isto foi feito contra o rei.'

"Catherine" (DUMAS père, 1845, vol. 2, p. 139)

Mas não parece ser somente da historiografia oficial que o autor se vale para a produção do seu romance histórico, já que as crônicas não autorizadas são também consultadas:

Com efeito, Catherine preferia realmente este filho [trata-se de Henri, o duque de Anjou, futuro Henri III], seja por sua bravura, seja sobretudo por sua beleza, pois havia, além da mãe, a mulher em Catherine, seja, enfim, porque, de acordo com algumas crônicas escandalosas, Henri de Anjou lembrava à florentina uma certa época feliz de misteriosos amores. (DUMAS père, 1845, vol. II, p. 52, a tradução é minha)

Todo mundo faz intrigas, maquinações, conspirações e complôs, mas sem nunca esquecer o seu próprio prazer, o que traz como resultado um romance ao mesmo tempo sangrento, onde dominam os massacres, as punhaladas e os envenenamentos, e voluptuoso, principalmente graças a Margot, cuja beleza era sem igual e cujos amantes eram inúmeros. Há também uma pitada de perversidade no romance, já que Margot entretém relações problemáticas – para não dizer incestuosas – com seus irmãos, enquanto Charles IX, contraditório e ambíguo, gosta de se alimentar com o espetáculo da violência.

As personagens principais, La Mole, Coconas, Henri de Navarre e alguns outros, têm aliás a faculdade de enfrentar o massacre com raiva e ódio (os homens se estripam e se degolam sem hesitações nem arrependimentos) e depois vão, com o mesmo prazer, se deitar com suas belas amantes. Como invariavelmente acontece em Dumas pai, o cenário histórico fornece muitos pretextos para misturar intrigas amorosas com feitos de armas, tal como ele gostava. Se o romance não apresenta um herói à altura do romantismo reinante na França, há no entanto uma emocionante história de amizade entre um católico e um protestante, Coconas e La Mole, único sentimento desinteressado e sincero de toda esta história intrigante, onde plana a sombra inquietante da temida Catherine de Médicis.

A título de curiosidade histórica, e a partir das informações dadas por Marlyse Meyer (1996, p. 288), cabe lembrar que este romance teve, como primeira tradução brasileira, a que foi publicada em folhetim no rodapé do *Jornal do Comércio* já no

ano de 1845. Além dessa publicação brasileira no século XIX, há, salvo engano de minha parte, somente mais uma tradução, feita recentemente por Fernando Nuno (de 2001) e adaptada para a Coleção “Germinal” da Editora Companhia das Letras, voltada para o público infanto-juvenil.

Como a ação da narrativa se passa quase trezentos anos antes do tempo de sua escritura, em pleno Renascimento francês, é de se esperar que alguns traços históricos do período se façam notar. Além das guerras religiosas que sacudiram a França do século XVI, cabe lembrar também que a prática da bruxaria e da produção de filtros encantatórios e de venenos era uma constante, mesmo, e talvez sobretudo, entre os nobres. A ela está associada a figura temida de Catherine de Médicis que, maquiavelicamente, não mede os meios para chegar aos fins a que se propõe: a tomada e a manutenção do poder em suas mãos, mesmo que isso custe a morte de um de seus filhos. Além disso, se pensarmos na personagem Margot, cabe lembrar que, no romance de Dumas, ela é caracterizada como, além de muito bonita, uma mulher que atrai pela cultura que detém e pelo conhecimento do grego e do latim, tidas como as *belles lettres* no período. Este traço, que a particulariza, pode ser entrevisto em trechos como o seguinte:

Marguerite, nesta época, tinha apenas vinte anos, e já era objeto das homenagens de todos os poetas que a comparavam, seja a Aurora seja a Citeréia; era de fato a beleza sem rival desta corte em que Catherine de Médicis tinha reunido, para fazer delas as suas sereias, as mais belas mulheres que tinha podido encontrar. Ela tinha os cabelos negros, a tez brilhante, o olhar voluptuoso e velado por longos cílios, a boca vermelha e fina, o colo elegante, [...] e, perdido em uma mule de cetim, um pé de criança. Os franceses, que a possuíam, ficavam orgulhosos de ver eclodir em seu solo uma tão magnífica flor, e os estrangeiros que passavam pela França sempre voltavam cegos por sua beleza se apenas a tinham visto, perturbados por sua ciência se tinham conversado com ela. É que Marguerite era não somente a mais bela, mas ainda a mais letrada das mulheres de seu tempo, sendo que se citava o dito de um sábio italiano que lhe tinha sido apresentado, e que, depois de ter conversado uma hora com ela em italiano, em espanhol, em latim e em grego, a tinha deixado dizendo, em seu entusiasmo: ‘Ver a corte sem ver Marguerite de Valois é não ver nem a França nem a corte’. (DUMAS père, 1845, vol. I, p. 4, a tradução é minha)

Deste domínio extraordinário de conhecimentos, é também exemplar o trecho em que Margot prepara o discurso que iria pronunciar aos embaixadores poloneses em visita à corte: ela lê Isócrates no original grego e escreve o seu texto em latim (DUMAS père, 1845, vol. II, p. 46 e p. 71-75).

No filme, ao contrário, esta faceta renascentista de Margot não é explorada, já que ali os seus traços são unicamente os de uma jovem fútil, volúvel e inconsequente.

Não se pode esquecer, no entanto, que ela passa por uma trajetória de transformação, representada pictoricamente pela mudança na cor de suas vestes: se, no começo do filme, o seu vestido de casamento é vermelho, numa sugestão antecipadora do cenário dos rios de sangue que logo após seriam vertidos, nas cenas finais, ela se veste inteiramente de branco, demonstrando a sua transformação pelo amor. Se o vestido branco é logo manchado pelo sangue que poreja da pele do rei, vitimado pela doença produzida pelo veneno que ele inadvertidamente ingere, temos aí, no filme, a sugestão de que o amor não vencerá, apesar das tentativas de Margot de salvar o seu amante da forca.

Outros conhecimentos cultivados e acumulados à exaustão no período renascentista também se fazem presentes no romance, como o cultivo da poesia tal como era concebida pelos poetas da Pléiade, além da astrologia e da mitologia.

É por isso que o rei, além de convocar com frequência Pierre Ronsard (a partir de 1560), considerado historicamente, segundo Deshusses (1984, p. 92), o grande mestre da Pléiade e um dos pais da poesia francesa, produz poemas ao gosto do momento. A este propósito, considere-se o trecho seguinte, no qual se reproduz um diálogo entre Charles IX e Coligny, um dos ministros do rei:

– Vossa Majestade vai deixar Paris?

– *Sim, estou cansado de todo este barulho e de todas estas festas. Eu não sou um homem de ação, sou um sonhador. Eu não nasci para ser rei, nasci para ser poeta. Você fará uma espécie de conselho que governará enquanto estiver na guerra; e, se minha mãe não se meter nele, tudo sairá bem. Eu já preveni Ronsard para vir se juntar a mim; e lá, os dois, longe do barulho, longe do mundo, longe dos maus, sob nossas grandes florestas, à margens do rio, com o murmúrio dos riachos, falaremos das coisas de Deus, única compensação que há neste mundo das coisas dos homens. Olhe, escute estes versos pelos quais eu o convido a vir se juntar a mim; eu os fiz esta manhã.* (DUMAS père, 1845, vol. I, p. 15, tradução minha)

E o poema é reproduzido no romance em versos alexandrinos, tal como pregava a poética do grupo da Pléiade, em substituição ao decassílabo anterior. E Ronsard não apenas freqüenta a corte, mas seus poemas são, aqui e ali, reproduzidos.

Quanto à importância da antiguidade grega e romana, constantemente acionada pelo narrador ou por algumas personagens, seja para tecer comparações seja para estabelecer analogias, representa um dos traços do conhecimento cultivado pelo homem típico do Renascimento. Assim, Cícero e Demóstenes são invocados como exemplo de eloquência, Coconas é comparado a Enéias descendo aos infernos, o quarto de uma das damas de companhia de Catherine é ornado com quadros “tirados

dos amores de Vênus e Adônis”, Margot chama La Mole de “Meu Jacinto bem amado”. Para efeito de ilustração, cito ainda o seguinte trecho da narrativa, onde La Mole, tendo anteriormente lutado com ódio e rancor com o católico Coconas, decide tratar de seus ferimentos:

Resultou desta cena meio dramática, meio burlesca, mas à qual não faltava no fundo uma certa poesia enternecedora, tendo em vista os costumes bárbaros de Coconas, que a amizade dos dois nobres, iniciada no albergue da Belle-Étoile, e violentamente interrompida pelos acontecimentos da noite de São Bartolomeu, adquiriu desde então um novo vigor, e logo ultrapassou a de Oreste e Pylade com cinco golpes de espada e um tiro de pistola disparados sobre os seus dois corpos. (DUMAS père, 1845, vol. I, p. 110, a tradução é minha)

Cabe lembrar aqui que Orestes e Pilade são duas personagens mitológicas que, durante a guerra de Tróia, se mantiveram inseparáveis, cultivando uma amizade a toda prova.

Contrariamente a essa tendência de evocar o mundo pagão da antiguidade grega e latina, constatamos uma outra mitologia, agora católica, retirada da Bíblia, nas palavras de Henri de Navarre, ao que parece leitor deste “livro sagrado”, como qualquer bom protestante devia ser:

Mas, a senhora o sabe [ele se dirige a Margot], para a felicidade falta sempre alguma coisa. Adão, no meio do paraíso, não se sentiu completamente feliz e mordeu esta miserável maçã que nos deu esta necessidade de curiosidade que faz com que todos passemos nossa vida à procura de algo desconhecido. (DUMAS père, 1845, vol. I, p. 132, a tradução é minha)

Dos conhecimentos astrológicos e adivinhatórios dá testemunha a personagem René, o florentino que, “juntando a seu título de perfumista o de mágico, vendia não somente cosméticos e venenos, mas também compunha filtros e consultava oráculos”. (DUMAS père, 1845, p. 112, tradução minha). A este propósito, o narrador tece uma consideração interessante, na medida em que relativiza este conhecimento ao compará-lo com a visão de mundo do seu leitor:

Como supomos que o leitor, encorajado pelo filosofismo do século XVIII, não acredita mais nem na magia, nem nos mágicos, nós o convidaremos a entrar conosco nesta habitação [do florentino René], que, nesta época de supersticiosas crenças, exalava ao seu redor um tão profundo terror. (DUMAS père, 1845, vol. I, p. 118, a tradução e o itálico são meus)

E, para acentuar a “veracidade” e a tradição desta prática tão “irracional” aos olhos de seu leitor, o narrador faz uma descrição surpreendente de um dos cômodos da casa do mágico florentino:

É aí que é introduzido o mais vulgar dos consulentes; é aí que as íbis egípcias, as múmias de bandagens douradas, o crocodilo balançando no teto, as caveiras com olhos ocos e dentes oscilantes, enfim os livros empoeirados veneravelmente roídos pelos ratos, oferecem ao olho do visitante a confusão de onde resultam as emoções diversas que impedem que o pensamento siga um bom caminho. Atrás da cortina estão garrafinhas, caixas esquisitas, ânforas de aspecto sinistro; tudo isso é iluminado por duas pequenas lâmpadas de prata exatamente iguais, que parecem ornar algum altar de Santa-Maria-Novella ou da igreja Dei-Servi de Florença, e que, queimando um óleo perfumado, lançam sua claridade amarelada do alto da abóbada escura onde cada uma é suspensa por três correntes enegrecidas. (DUMAS père, 1845, vol. I, p. 119, a tradução é minha)

Um trecho do romance que parece ter inspirado o roteirista do filme de Chéreau – vide para isso a cena em que o mago René “consulta” um cérebro aberto - é aquele em que Catherine de Médicis “instrui” René na arte da adivinhação, quando este pretendia se utilizar de galinhas pretas para isso. Ela lhe diz:

[...] o senhor poderia ler os livros preciosos que escreveram os hebreus sobre os sacrifícios. Eu mandei traduzir um deles e vi que não estava nem no coração nem no fígado, como entre os romanos, que os hebreus procuravam os presságios: era na disposição do cérebro e na figuração das letras que aí estão traçadas pela mão todo-poderosa do destino. (DUMAS père, 1845, vol. I, p. 126, a tradução é minha)

Do tempo da narração, ou seja, do século XIX, há alguns outros indícios que merecem ser destacados. Um deles, talvez o mais importante para os meus propósitos, é a comparação, feita pelo narrador, entre a cena descrita e os quadros do pintor espanhol Francisco de Goya (1746-1828):

Era um espetáculo ao mesmo tempo lúgubre e bizarro, com todos estes elegantes senhores e todas estas belas senhoras desfilando, como uma procissão pintada por Goya, no meio destes esqueletos enegrecidos e destas forcas com longos braços desencarnados. Quanto mais a alegria dos visitantes era ruidosa, mais ela fazia contraste com o morno silêncio e a fria insensibilidade destes cadáveres, objetos de zombarias que faziam estremecer mesmo os que as faziam. (DUMAS père, 1845, vol. I, p. 101-102, tradução minha)

Talvez o narrador tenha em mente “Os fuzilamentos de três de maio”, quadro de Goya de 1814. Ou mesmo a série intitulada “Los desastres de la guerra” que,

como se sabe, constitui-se de 82 gravuras realizadas entre 1810 e 1815. O horror da Guerra da Independência Espanhola é representado em todas elas de forma extremamente crua e penetrante, detalhando as crueldades cometidas. O que importa, no entanto, é a sensibilidade pictórica demonstrada pelo escritor, ao perceber a possibilidade de estabelecer tal relação interartística. E esta mesma sensibilidade é demonstrada novamente em outro trecho em que Albert Dürer (1471-1528) é citado, mesmo que *en passant*: “Henri se sentou diante de uma mesa sobre a qual estava um livro alemão com gravuras de Albert Durer, que ele se pôs a olhar com uma tão grande atenção que, quando La Mole voltou, ele pareceu não ouvi-lo e nem mesmo levantou a cabeça.” (DUMAS père, 1845, p. 175, a tradução é minha)

O filme, por sua vez, também se vale desta sugestão pictórica à maneira de Goya nas cenas do massacre, nas quais o caos compositivo, a mutilação dos corpos e a fragmentação dos objetos são constantes e estarrecedoras, fazendo até lembrar a “Guernica”, de 1937, de Picasso. Tais cenas, além de sugerirem esta relação com a pintura, são compostas de forma extremamente rápida, causando no espectador tanto o horror catártico quanto uma espécie de vertigem assustadora.

Ainda que o romance tenha inspirado, além de uma peça teatral do mesmo Alexandre Dumas père, cinco outras produções cinematográficas (em 1909, de Camille de Morlhon; em 1914, de Henri Desfontaines; em 1954, de Jean Dréville, com a insuperável Jeanne Moreau; em 1961, de René Lucot e em 2004, de Ruben Alexander Claassens), é no filme de 1994 que vou me deter. Com direção de Patrice Chéreau, roteiro, diálogos e cenário de Danièle Thompson, com trilha sonora de Goran Bregovic, e fotografia de Philippe Rousselot, produzido por Claude Berri, o filme, que dura 159 minutos e é considerado pela crítica o melhor de seu diretor, conta com um elenco surpreendente, selecionado por Marguerite Capelier: Isabelle Adjani (com sua beleza inquestionável) no papel título, Daniel Auteuil (com sua bela feiúra) no de Henri de Navarre, Jean-Hugues Anglade (com performance inesquecível) no de Charles IX, Virna Lisi (com seu francês “italianizado”) no de Catherine de Médicis, Vincent Perez (com seus apelos sensuais) no de La Mole, Ulrich Wildgruber (com sua frieza assustadora) no do bruxo René, entre outros muitos atores não menos inesquecíveis, além dos vários anônimos figurantes que representam a carnificina da noite de São Bartolomeu. Cabe lembrar também que o castelo de Meaulnes e o Palácio Nacional de Mafra (em Portugal) foram os cenários escolhidos para boa parte das tomadas, a biblioteca do Antigo Colégio dos Jesuítas, para algumas delas, sendo a do casamento filmada na basílica de Saint-Quentin, e outras cenas em Bordeaux, Senlis, Compiègne e Rambouillet.

Se o filme reproduz sem pruridos, longa e explicitamente, as relações sexuais entre as personagens, sobretudo entre Margot e La Mole, o romance, adotando um gesto de decoro próprio do romance folhetim burguês do século XIX, apenas sugere o sexo:

[...] pois La Mole se lembrava de ter muitas vezes citado ao piemontês [trata-se de seu amigo Coconas] uma certa divisa latina que tendia a provar que o Amor, Baco e Ceres são deuses de primeira necessidade, e ele tinha a esperança de que Coconas, para seguir o aforismo romano, teria se instalado no Belle-Étoile depois de uma noite que devia ter sido para o seu amigo não menos ocupada que a sua. (DUMAS père, 1845, vol. I, p. 118, a tradução é minha)

Do romance-folhetim, com seus 66 longos capítulos cheios de peripécias, ao filme de 1994, com os seus 136 minutos de duração, ainda que este ultrapasse os já clássicos 90 minutos dos longa-metragens, muita coisa foi necessariamente cortada, mas as duas versões têm em comum o propósito de contar uma história da França que não deve ser esquecida.

Desse modo, seja na França da metade do século XIX, com Dumas père escrevendo vários romances-folhetim para uma imprensa acessível a quase todos, num país ainda sob a Monarquia de Julho (1830-1848), regida em princípio por uma Constituição, momento em que o país vive momentaneamente um desenvolvimento econômico e industrial e conta com a supremacia política da burguesia, seja na França do final do século XX, com Patrice Chéreau propondo ao mundo um filme produzido apenas cinco anos após as comemorações dos 200 anos da Revolução Francesa, o que parece estar em causa quando o olhar se volta para o passado é a crítica do “não razoável”, herdeira da filosofia das Luzes, tal como já havia depreendido Georges Lukacs (1977, p. 21) ao discorrer sobre a forma clássica do romance histórico. E a nostalgia de um outro passado, diferente deste, faz falar o narrador nestes termos: “Era uma bela coisa a caça aos pássaros feita por reis quando os reis eram quase semi-deuses e a caça era não somente um passatempo, mas uma arte.” (DUMAS père, 1845, vol. 2, p. 115)

Data de recebimento: 30/11/2009

Data de aceite para a publicação: 27/10/2010

NOTAS:

* Possui graduação em Letras Português/Literatura pela Universidade Estadual de Campinas (1981), onde também fez o seu mestrado em Teoria Literária (1986) e o seu doutorado em Teoria e História Literária (1996). Atualmente é professor assistente doutor do Departamento de Letras Modernas da FCL-UNESP-Assis. lidiamaretti@uol.com.br

REFERÊNCIAS:

- CARDONA, Sylvie *La Reine Margot*. Disponível em: http://www.dumaspere.com/pages/dictionnaire/reine_margot.html. Acesso em 09/08/2009 às 13h00.
- DESHUSSES, Pierre et al. *Dix siècles de littérature française I: du Moyen Âge au XVIIIe siècle*. Paris : Bordas, 1991.
- _____. *Dix siècles de littérature française 2: XIXe et XXe siècles*. Paris : Bordas, 1991.
- DUMAS Père, Alexandre. *A Rainha Margot*. (Trad. de Fernando Nuno). São Paulo: Companhia das Letras, 2001. (Coleção "Germinal").
- _____. *La Reine Margot*. Paris: Calmann Lévy, 1845.
- LA REINE Margot*. Direção: Patrice Chéreau. Produção: Claude Berri. Roteiro: Patrice Chéreau e Danièle Thompson. Intérpretes: Isabelle Adjani; Jean-Hugues Anglade; Virna Lisi; Daniel Auteuil; Vincent Perez e outros. [França/Itália/Alemanha], 1994. 1 DVD (136 min), son., color.
- LUKACS, Georges. *Le roman historique*. (trad. de Robert Saille). Paris: Payot, 1977.
- MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- http://pt.wikipedia.org/wiki/A_Rainha_Margot. Acesso em 12/08/2009 às 17h30.
- ORESTE. Disponível em: <http://www.dicoperso.com/term/adb0aeb1acaba25e61,,xhtml>. Acesso em 11/08/2009 às 8h20.

SOBRE A AUTORA:

Possui graduação em Letras Português Literatura pela Universidade Estadual de Campinas (1981), mestrado em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas (1986) e doutorado em Teoria e História Literária pela mesma Universidade (1996). Atualmente é professor assistente doutor do Departamento de Letras Modernas do *Campus* de Assis da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Brasileira e Francesa, atuando principalmente nos seguintes temas: literatura brasileira contemporânea, Rubem Fonseca, erotismo, violência, Visconde de Taunay, romantismo, nacionalismo, memória, descrição, viagem. É a atual líder do Grupo de Pesquisa "Narrativas Estrangeiras Modernas", cadastrado no CNPQ.